

lhosamente tecido por Manuela Ivone Cunha, que, além de *médium*, é uma extraordinária costureira) são fios que transcendem os recintos onde permanecem encerradas as mulheres que as proferiram. O tecido agrupa parentes, dentro e fora da prisão, amigos, o bairro do qual procedem as detidas e as tristes condições em que vivem. São palavras que tecem um mundo, o mundo que partilhamos e em que todos habitamos, com os seus graves problemas, as suas patéticas soluções e as suas incorrigíveis injustiças.

RAMON SARRÓ

*V. Xavier Pintado, Structure and Growth of the Portuguese Economy*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

O livro do Prof. Xavier Pintado, publicado em 1964 e agora reeditado pelo Instituto de Ciências Sociais, foi uma obra pioneira no estudo da economia portuguesa. É verdade que antes dele já tinham aparecido trabalhos valiosos sobre a economia nacional. Mas os de maior destaque tratavam apenas aspectos sectoriais (como os de Ferreira Dias e os do II Congresso da Indústria sobre o sector industrial e os de Henrique de Barros e E. Castro Caldas sobre a

análise estrutural, sem tratarem do crescimento económico (como o de F. Pereira de Moura, L. M. Teixeira Pinto e M. Jacinto Nunes sobre a estrutura da economia portuguesa).

A obra de Xavier Pintado foi das primeiras a aproveitarem as estatísticas de contabilidade nacional, que então tinham aparecido há pouco tempo. Foi a primeira em que se combinou a análise da estrutura existente e do crescimento registado com a discussão das políticas mais relevantes para cada um dos sectores estudados — a agricultura, a indústria e o comércio externo. Uma outra das suas inovações importantes foi a de recorrer abundantemente a comparações com países da Europa meridional, na senda do que vinha sendo feito em estudos da Comissão Económica para a Europa das Nações Unidas, nomeadamente nos seus relatórios de 1953 e 1959.

Na data em que foi publicado o seu estudo, Xavier Pintado tinha de se concentrar sobre a década de 1950. A economia portuguesa tinha crescido nessa década a um ritmo mais acelerado do que em qualquer outra década anterior da história nacional. Não se podia, porém, dizer que esse ritmo tivesse sido brilhante em comparação com o que então aconteceu nos países do Sul da Europa e mesmo em muitos dos do Norte e Centro. No princípio dos anos 60, as economias europeias estavam a sair do chamado «período de prata» do crescimento económico e a entrar no «período de ouro», que se estendeu até 1973. Neste último

período, o progresso da economia portuguesa foi muito mais acentuado do que nos anos 50 e passou a ser muito satisfatório em comparação com o de outros países da Europa ocidental, incluindo os do Sul. Mas essa história era ainda futuro quando Xavier Pintado escreveu o seu livro.

É notável que o texto tenha resistido tão bem à passagem do tempo. Em 1964, os estudos sobre a economia portuguesa publicados trinta ou quarenta anos antes (por exemplo, o *Portugal Económico*, de Anselmo Andrade, ou os escritos de Bento Carqueja) estavam irremediavelmente desactualizados sob o ponto de vista da sua metodologia e da selecção dos temas tratados. Isso sucedeu em parte por causa dos avanços entretanto verificados na teoria macroeconómica e nos instrumentos estatísticos disponíveis. O texto de Xavier Pintado teve uma sorte bem diferente. Assentou sobre técnicas de análise que eram as mais modernas da altura e que conservam muita da sua validade nos tempos actuais. Quem hoje escrever sobre indústria, agricultura ou comércio externo de Portugal terá dificuldade em apresentar uma metodologia ou descrições, interpretações e apreciações de muito melhor qualidade do que as daquele texto.

Onde houve mais mudanças foi no capítulo do crescimento económico. Nas décadas de 1950 e 1960, esse crescimento tinha passado a ser o objectivo dominante das políticas económicas, quer nos países industrializados, quer nos países em vias

de desenvolvimento. As teorias do desenvolvimento económico floresceram então com um vigor que não tinha paralelo em épocas precedentes e que ia bem além do que actualmente se observa. Tanto essas teorias como as análises de organizações económicas internacionais, como ainda as políticas económicas postas em prática em todo o mundo, atribuíam à acumulação de capital fixo o papel-chave no processo de crescimento económico. Havia referências a outros factores, como a adequação das políticas económicas e a qualidade da mão-de-obra, ou a aspectos institucionais, mas era na planificação dos investimentos em capital fixo que se punha toda a ênfase.

A análise de Xavier Pintado correspondia ao que então melhor se produzia nos serviços económicos da ONU, em especial das suas comissões regionais, noutras organizações internacionais, como o Banco Mundial ou a FAO, e em trabalhos de economia aplicada com origem no mundo académico. Reflectindo o pensamento económico então dominante, era natural que também ela atribuísse especial importância à contribuição da formação bruta de capital fixo para o crescimento económico. Por isso desenvolveu amplamente o tratamento da repartição dos investimentos por sectores económicos e por tipos de bens de capital e as suas influências sobre o coeficiente capital/produto. Esse é um enfoque que continua a ser relevante, mas actualmente põe-se bastante mais ênfase na produtividade

total dos factores e nas variáveis que a determinam: capital humano, progresso tecnológico, abertura ao exterior, opções das políticas económicas e o enquadramento institucional.

Xavier Pintado faz referências à qualificação dos trabalhadores, às inovações, a factores institucionais e culturais, à escassez de capacidade empresarial, mas essas referências não aparecem com o destaque que hoje lhes seria atribuído. Não poderia, todavia, deixar de ser assim. Na altura faltavam ainda as abordagens que posteriormente vieram a desenvolver-se com base na teoria do crescimento económico de Solow, nas novas teorias do crescimento endógeno e em numerosas investigações empíricas apoiadas na contabilidade do crescimento e em regressões econométricas.

Nos capítulos em que se estuda o sector produtivo português — a importância relativa dos diferentes sectores económicos, a agricultura, a indústria e o comércio externo — a literatura económica tem trazido menos mudanças de metodologia.

É interessante comparar as recomendações que nesses capítulos aparecem sobre as políticas a aplicar na agricultura e na indústria com o que veio a fazer-se posteriormente e com o que se recomendaria hoje. As orientações apontadas naqueles capítulos foram em alguns casos concretizadas nos anos seguintes (por exemplo, o aumento do consumo de fertilizantes ou o desenvolvimento da

mecanização na agricultura), embora nem sempre pelas vias com que se contava na altura em que foram formuladas. Outras recomendações perderam relevância em função da evolução económica que veio a verificar-se (por exemplo, o êxodo rural a uma velocidade que no princípio dos anos 60 ninguém previa). Noutras, as autoridades não mostraram capacidade para as porem em prática. Por isso, ao fim de quatro décadas subsistem ainda alguns dos problemas apontados (por exemplo, a fraqueza das políticas de defesa da concorrência). Há também casos (por exemplo, o papel de empresas estatais no progresso industrial) em que as soluções recomendadas tinham a maior relevância na altura, mas hoje seriam diferentes em virtude de mudanças quer nas realidades da economia, quer nas teorias económicas.

Por tudo isto, o livro de Xavier Pintado é uma fonte fundamental para o conhecimento das características e evolução da economia portuguesa no período inicial de processo de crescimento que arrancou logo após o fim da segunda guerra mundial. Além disso, ele apresenta o grande interesse de nos dar conta do que eram os grandes desafios da economia portuguesa no começo dos anos 60 e do que era o pensamento então dominante sobre as estratégias de desenvolvimento a pôr em prática para vencer tais desafios.

J. SILVA LOPES